



Apontamentos e reflexões sobre o Kyudo em Portugal

Escrever sobre o Kyudo em Portugal não dispensa referir as circunstâncias excepcionais em que se deu o início da sua prática no país e de certo modo exprimir o que se passou conosco, comigo e com o Roque Brás de Oliveira (4º Dan graduado no Japão e actual Presidente da Associação Portuguesa de Kyudo), enquanto intervenientes nesses acontecimentos. Não é que exista qualquer vislumbre de vaidade da nossa parte mas, de certo modo, ficámos marcados por vínculos indeléveis que ambos consideramos de uma outra ordem.

No final de 1992 fazíamos parte de um círculo de tertúlia no qual os temas presentes eram, e são, de um modo geral espirituais e filosóficos mas permeáveis à influência de outros espiritualismos vivos, não exclusivamente ocidentais, muito à maneira de um René Guenon quando enuncia esse propósito como a “busca de uma tradição primordial”. No que tocava aos orientalismos, não éramos alheios às obras de Alan Watts, de Karlfield Von Durhkeim (em especial o seu livro “Hara”) e às belíssimas traduções e comentários de Richard Wilhelm no livro de profundo esoterismo que é

“O Segredo da Flor Dourada” e nesse outro, de carácter também operativo, ao qual recorro em momentos difíceis da minha vida para sábio e gratuito aconselhamento: o “I Ching”.

Entre estas e outras obras sobressaía “O Zen na Arte Cavalheiresca do Tiro com Arco Japonês” de Herrigel, relato da aprendizagem de um ocidental na difícil arte do Kyudo. É uma bela narrativa, muito bem escrita, com uma elevada intenção poética, mas que nos deixava com o amargo sabor de só ser possível viver aquelas *coisas* desde que vivêssemos no Japão. Nessa impossibilidade, pensámos no tiro com arco Ocidental, tendo na altura, e com essa finalidade, procurado um espaço para o praticarmos.

Por um acaso ou coincidência extraordinários, a Leonor, minha mulher, chamou-nos a atenção para um artigo da revista do jornal *Diário de Notícias* no qual se dizia que havia um senhor japonês praticante de Kyudo, de nome Yokokoji, que estava a viver em Sesimbra muito perto da casa do Roque, na Cotovia, e cuja grande ambição era encontrar um local para a prática do kyudo, enquanto gozava o período da reforma em Portugal. O País não é muito grande,

mas mesmo assim tem uns largos milhares de quilómetros quadrados e logo havia de ser ali, tão próximo de nós, que o Sr. Yokokoji havia de estar a viver. Depois de serenado o entusiasmo, houve naturalmente o desejo de o conhecer pessoalmente, averiguando a possibilidade de marcarmos um encontro, conscientes de que o modo ou a forma de o fazermos não seria os mesmos com que se procura um fornecedor nas páginas amarelas. Felizmente, e também casualmente, a professora de línguas dos meus filhos era também professora de Português do Sr. Yokokoji e, tendo conhecimento do mútuo interesse, promoveu um encontro entre nós em Novembro de 1992.

Recordo com muita saudade esses primeiros momentos no café Esperança. Era um homem magro e de estatura elevada em relação à média de altura japonesa, de trato muito afável e jovial. Tendo 64 anos, transparecia nos gestos e nas atitudes uma inocência de criança. Após uma primeira troca de impressões algo difícil em virtude da língua (ele “arranhava” o Português e nós não sabíamos nada de Japonês) ficou combinado que iríamos um outro dia a casa dele para uma conversa mais lon-

ga e profunda sobre o assunto.

Fomos recebidos em sua casa pela sua gentil mulher, a Sr.^a Sumiko, numa atmosfera muito japonesa. Descalçámos os sapatos à entrada (na passagem do profano para o sagrado, para uns; para não sujar o chão da casa, para outros) e, depois das boas vindas, tomámos chá verde japonês com fritos de arroz feitos a propósito na altura, o que nos fez imediatamente sentir, no paladar, a atmosfera de simplicidade contida e que reflecte a cultura japonesa.

Logo após estes primeiros momentos de boas vindas, o Sr. Yokokoji foi buscar, para nos mostrar, o arco "Yumi", as flechas "Ya", a luva "KaKe" e o alvo "Mato". Foi um momento único, pela exímia artesanaria, pelos sinais de uso, pela verdade natural dos materiais: bambu no arco e nas flechas, pele nas luvas... pareciam objectos animados. A luva, sobretudo, que naquele caso reveste apenas os dedos polegar, indicador e médio, impressionou-me pela enorme dimensão do polegar que tem uma protecção em madeira revestida de pele, com uma ranhura no lado posterior para prender o fio do arco. No punho da luva, nas costas da mão, uma bela inscrição foi gravada a roxo, ligando o praticante à escola Ogasawara, aquela prestigiada escola de etiqueta e de Kyudo que tem vindo a apoiar, atenta e desinteressadamente, a actividade do grupo em Portugal, através de inúmeras ofertas de material ao longo dos últimos 17 anos. Yokokoji mostrou-nos os objectos com uma enorme seriedade e simultaneamente com uma indisfarçável alegria por finalmente ter encontrado alguém que poderia apreciar uma arte que ele tanto considerava.

Combinamos logo uma sessão de prática num espaço gentilmente cedido numa quinta próximo da Cotovia: a Quinta da Boa Vista ou Quintinha, propriedade da família da Leonor.

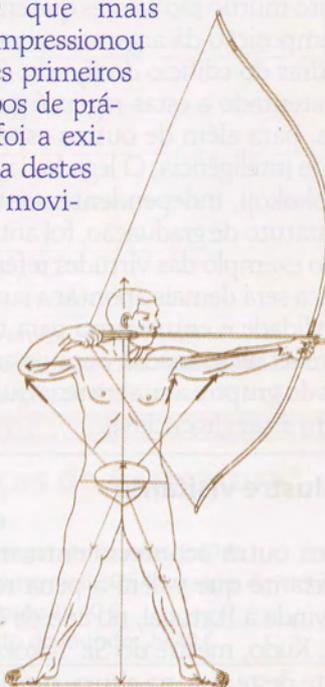
Hassetsu – oito movimentos para um tiro

Para quem lê estas linhas e nunca teve o ensejo de estar em contacto com a prática de Kyudo, é importante esclarecer que qualquer tiro exige o cumprimento de oito movimentos, que vão desde o levantar do arco e de duas flechas, encostando as mãos aos



quadris e olhando lentamente para o alvo (monomi), até ao momento do tiro (hanare), numa sequência que demora vários minutos, dependendo da formalidade. O seu desenvolvimento é de um modo extremamente lento e apoiado na respiração. Os nossos primeiros treinos foram portanto sem arco nem flecha, só executando os movimentos. Mais tarde Yokokoji fabricou uma espécie de fisga para que, com a sua utilização, nós começássemos a sentir a pressão do arco. A prática com arco só foi permitida ao fim de seis meses.

O que mais me impressionou nestes primeiros tempos de prática foi a exigência destes oito movi-



mentos sem arco, com o seu lento encadeamento, dir-se-ia que completamente ao "retardador", bem contrário ao ritmo rápido do nosso dia a dia. Poderíamos pensar que era por sermos principiantes mas não era esse o caso, visto que quando o mestre executava o tiro para exemplificar, a sua lentidão era ainda maior que a nossa. Várias vezes me ocorreu que, se era uma arte marcial tendo a guerra como propósito, seria por essa razão uma guerra perdida com certeza – a não ser que se tratasse de uma outra guerra, de uma outra cavalaria, de um outro inimigo que talvez só existisse em nós próprios. Por outro lado, os sucessivos movimentos de cumprimento "Rei" e "Yu" à entrada do espaço, ao Tokonoma, ao mestre, ao alvo, indicavam que deveria haver naquele local, durante aqueles minutos e aquelas horas, um espaço e um tempo ultra-qualificados.

Esoterismo vs. "esoturismo"

Dir-se-á com razão, como o nosso mestre várias vezes afirmou, que o Kyudo não é uma Religião mas contém elementos – posturas, gestos, movimentos – que, por serem altamente ritualizados, deixam transparecer uma origem religiosa. Trata-se, no meu entender, da própria gnose japonesa, se assim se pode chamar, tanto do lado do esoterismo budista como do esoterismo xintoísta. Pretendo utilizar aqui a palavra esoterismo no seu verdadeiro sentido de eso = interior, e tal se deve ao facto de não conhecer outra melhor para o que desejo exprimir. Esta chamada de atenção deve-se ao facto de haver hoje muito esoterismo que subtilmente passou a ser completamente exterior, sem que disso as pessoas se tenham apercebido, mergulhando-as num mar de fantasias. O pensador António Telmo dirá a propósito, e com uma subtil ironia, que não é esoterismo é "esoturismo".

O arco e a flecha

Sabemos que em todas as tradições o arco e a flecha se revestem de um carácter profundamente simbólico e operativo. A ligação do arco e da flecha ao amor e ao Cupido, e da flecha ao relâmpago ou raio iluminante, são disso exemplo. No Japão é ainda utilizado ▶



com esta finalidade em muitas cerimónias solenes, como acto de abertura de um evento, e designa-se por Hikime.

Este tiro tem três intervenientes: dois ajudantes e um atirador vestidos a rigor com belíssimas roupas de seda bordadas, e a cabeça coberta por um chapéu que faz lembrar um barrete frígio. A flecha utilizada nestas ocasiões, em vez de uma ponta aguçada, apresenta uma pequena cabaça com um orifício que emite um som e que é audível durante o voo. A flecha vai colidir suavemente sobre um pano azul que se encontra a cerca de 28 metros e na frente do atirador. Tivemos a honra e a oportunidade de organizar e participar numa cerimónia liderada pela nossa actual mestra Sra. Maky Kudo, que se realizou no Convento da Arrábida no dia 21 de Junho de 2008 por ocasião do 6º Seminário da Associação Portuguesa de Kyudo e com a colaboração da Fundação Oriente. Esta cerimónia é altamente ritualizada e o objectivo do tiro é o de libertar a atmosfera dos maus “espíritos”.

Quando os portugueses chegaram ao Japão no séc XVI e usaram as espingardas, que constituíam uma novidade para os japoneses, o arco foi posto de parte, perdendo utilidade marcial e passando a ser apenas utilizado em actos solenes, incorporando por esse facto aspectos das duas religiões (Budismo e Xintoísmo) e da aristocracia em presença.

É sabido que toda a tradição genuína é “contra corrente”, ou seja, é um movimento contrário à voragem do impiedoso Cronos. Qualquer acto de meditação do “conhece-te a ti próprio” é tradicional deste ponto de vista. O Kyudo é, por esta razão, completamente tradicional. Há uma observação de si próprio, começando pelo corpo – nos músculos, nos ossos, em qualquer ponto dos pés à cabeça, o que exige uma continuidade da atenção desde o início até ao momento após o tiro, centrada no Hara (esse ponto que fica entre o umbigo e a púbis, e que é objectivamente o centro do corpo, algo já esquecido pelos ocidentais e que é obvio para qualquer japonês). Quem é atento,

sabe que esta observação está completamente ausente no nosso dia a dia mas é ainda mais ausente quando passamos para a observação das emoções, seja de júbilo por se ter acertado, seja de desalento por se ter errado, seja de inveja do companheiro que acertou, seja a falta de determinação e energia na execução dos movimentos (para só falar de algumas). Esta dualidade no ser humano, entre o que observa, sem juízo moral, e o que age e sente, é claramente iniciática. Todos os comentários que se fazem a propósito, sobre as supostas “energias” envolvidas nestas acções, tentam reduzir os planos superiores do ser à chã materialidade da Física da equação matemática e reconduzem o ser humano novamente ao seu estado de adormecimento.

Se é condição para a manutenção da prática do Kyudo a identificação dos aspectos acima referidos, porque de outro modo se reduziria a uma técnica vazia de sentido, também não deixa de ser indispensável a atenção permanente aos aspectos relacionados com o grupo. O caminho do Kyudo é individual mas ele só é possível no interior de uma egrégora: a amizade, o sentido de grupo, a lealdade, a cordialidade, o respeito mútuo são valores que entram na composição da argamassa que liga as pedras do edifício do Kyudo. Qualquer atentado a estas regras é grave e revela, para além de outros aspectos, falta de inteligência. O legado do mestre Yokokoji, independentemente do seu estatuto de graduação, foi antes de mais o exemplo das virtudes referidas, e nunca será demais apontar a sua disponibilidade e entusiasmo para todas as tarefas relacionadas com as actividades do grupo e a sua tristeza quando alguém as negligenciava.

Um ilustre visitante

Um outro acontecimento muito importante que valerá a pena referir foi a vinda a Portugal, no ano de 1995, do Sr. Kudo, mestre do Sr. Yokokoji, a convite deste. Era, na altura, considera-

do o praticante cuja técnica era a mais perfeita no Japão. A prova desse facto foi ter sido solicitado pelo reconhecido mestre do cinema mundial Akira Kurosawa para ensinar os actores do filme “Os Senhores da Guerra” na difícil arte de Yabusame (Tiro com arco a cavalo) para representarem as cenas iniciais de caça ao javali. Mais baixo que Yokokoji, e de idade avançada, manifestava contudo uma enorme vitalidade. Ficou alojado na Cotovia, onde acompanhou o primeiro seminário da associação. Executou muitos tiros em tronco nu, para que nós nos apercebêssemos dos músculos que estavam a ser utilizados em cada momento do tiro. O seu corpo era deste modo um livro aberto, tal era a nitidez dos músculos e dos ossos, não sendo visível nada que estivesse a mais. Tinha um emprego modesto no Japão, como transportador de mercadorias no porto da cidade onde vivia, utilizando um pequeno veículo entre as 5 e as 10 horas da manhã, dedicando o restante do dia ao Kyudo. Foi convidado na altura por várias pessoas para ensinar noutros *dojos*, tendo declinado sempre os convites e pedindo às pessoas que se deslocassem ao *dojo* da Quintinha.

Na despedida, o Roque teve a feliz ideia de lhe oferecermos um arreio de cavalo à portuguesa, que foi de facto a melhor coisa que lhe poderíamos ter oferecido, tal a alegria que manifestou quando o recebeu. Mais tarde chegounos a mensagem, pelo mestre Yokokoji, que o Sr. Kudo lhe teria dito que as melhores coisas que lhe haviam acontecido na vida foi o Kyudo e ter vindo a Portugal. O apoio à actividade em Portugal tem vindo a ser assegurado anualmente pela Sr^a Maky Kudo, sua esposa, 7º Dan Kyoshi no Japão, e que é particularmente reconhecida no seu país pela qualidade das suas alunas e alunos, e por ser uma especialista em fisioterapia na tradição japonesa.

Já dezassete anos decorreram desde o início da prática, e muitos foram os seminários e as demonstrações nacionais e internacionais em que a Associação esteve presente e envolvida. Das iniciativas tomadas, realçamos a presença em todas as demonstrações de artes marciais organizadas pela Associação de Amizade Portugal-Japão e, mais recentemente, a manutenção do núcleo do Instituto Superior Técnico em Lisboa e o início da construção do novo *Dojo* em Sesimbra. ❀

Luís Paixão

Fundador da Associação Portuguesa de Kyudo